

ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA¹

Gian Eligio Soliman Ruschel²
Mariana Borba Trevisan³
Josei Fernandes Pereira⁴

Texto para Discussão - 18

Texto Publicado em: 01/10/2020

Resumo: A pandemia da Sar-Cov-2 (COVID-19) trouxe uma série de restrições e desafios em todas as áreas como saúde, economia, educação. De uma hora para outra tivemos de adotar medidas de segurança, como o distanciamento social que afetou diretamente milhões de estudantes que tiveram de migrar do ensino presencial para um ensino remoto emergencial. O objetivo proposto é demonstrar a realidade de uma instituição privada de ensino frente à nova realidade, discutir conceitos pertinentes para a educação do país e da nossa região de atuação através das normativas propostas pelos governantes e nossa experiência enquanto educadores da rede privada de ensino. Dividimos nossa discussão em uma abordagem mais geral que trata de professor e a educação, e em um segundo momento as dificuldades que se apresentam nesse período, seguido de um tópico que tenta trazer à luz algumas das principais ferramentas e plataformas, bem como serviços que podem facilitar o ensino remoto atual. A rede de ensino privada apresenta uma estrutura compatível para essa modalidade de ensino, já que a maioria das famílias têm condições de manter internet e equipamentos de boa qualidade, mas isso não ameniza as questões de adaptação e certos impasses que são inerentes a educação. Os professores, independente da rede de ensino que atuam, sempre trabalharam *home office*, porém esse trabalho quase sempre invisível mostrou seu papel fundamental para continuidade do ensino aprendizagem em um momento tão instável como esse.

1 INTRODUÇÃO

Frente ao cenário de pandemia do COVID-19, que envolveu o mundo todo no ano de 2020, a humanidade tem sido impelida a adaptar alguns meios e atividades tão caros ao viver cotidiano.

¹ Texto para discussão do Observatório Socioeconômico da COVID-19, projeto realizado pelo Grupo de Estudos em Administração Pública, Econômica e Financeira (GEAPEF) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e que conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERS) por meio do Edital Emergencial 06/2020 como resposta à crise provocada pela pandemia da COVID-19.

² Professor de História no Centro de Educação Básica Francisco de Assis/Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (EFA/UNIJUI). Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUI. E-mail: gian.ruschel@unijui.edu.br

³ Professora de Ciências da EFA/UNIJUI. Mestre em Biodiversidade Animal pela UFSM. E-mail: mariana.trevisan@unijui.edu.br

⁴ Professor do Departamento de Humanidades e Educação na UNIJUI e professor de História na EFA/UNIJUI. Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: josei.pereira@unijui.edu.br

De acordo com as orientações da OMS (Organização Mundial de Saúde), o contato físico deveria ser minimizado apenas ao necessário, sendo imperativo um processo de readaptação, não somente no âmbito das relações sociais. Assim, atividades ligadas aos setores da educação, comércio e serviços, atividades culturais e de lazer, como as próprias relações interpessoais mais íntimas, foram ressignificadas. De uma hora para outra, tomamos conhecimento das recomendações através de um novo repertório de termos técnicos e expressões idiomáticas: distanciamento e isolamento sociais, decretos de quarentenas e *lockdowns*, são algumas das expressões que têm sido enfaticamente repetidas para que os sistemas de saúde tenham estrutura e recursos para atender a todos os necessitados e visando a minimização do contágio do coronavírus

A educação escolar, tradicionalmente oferecida na modalidade presencial, foi um dos primeiros serviços a sentir os efeitos da mudança. Depois de deliberações que devem ser pensadas como necessárias, as atividades foram suspensas por tempo indefinido, oferecendo novos desafios a todos os envolvidos, direta ou indiretamente. Dentro do grupo que se viu obrigado a se readaptar, contamos com os alunos, trabalhadores da educação, gestores públicos e instituições de ensino no geral, os professores e até as famílias - essas, em boa parte perceberam-se como parte do processo educacional apenas agora, no esforço da quarentena, sem entender ao certo seu papel. Sem os meios tradicionais de ensino, sem os alunos dispostos em fila na sala de aula e sem o quadro negro, a escola e seus professores estão tendo que buscar novos meios para atender às demandas educacionais com seus alunos.

Assim, ao mesmo tempo, crianças e adolescentes do mundo todo tiveram suas aulas normais suspensas, apesar de não apresentarem um alto risco de morte pela doença causada pelo SARS-COV-2, estes são fontes de transmissão e disseminação do vírus para toda a comunidade no qual estão inseridos. A educação infantil apresenta um grau ainda maior de preocupação por ser quase impossível manter crianças tão novas longe umas das outras, lavando as mãos constantemente e sem trocas de materiais ou brinquedos, além de muitos deles no período longe da escola permanecerem com parentes ou cuidadores, muitas vezes mais velhos, como seus avós que estão dentro dos grupos de risco.

Segundo a organização sem fins lucrativos (ONG) *Todos pela Educação*, em uma análise realizada sobre a educação em tempos de pandemia, cerca de 95% dos estudantes da América Latina estão dentro desse novo contexto. Nos últimos meses, o Brasil se tornou o novo epicentro

da doença, o que nos traz cada vez mais dúvidas de quando a normalidade poderá ser restabelecida, e já se fala em um “novo normal”, também no cenário da educação, com adoção de sistemas híbridos. O uso das novas tecnologias durante a necessidade de manter vínculo com os alunos irá fazer parte do nosso repertório de estratégias no intuito de melhorar o processo de ensino aprendizagem.

A partir das orientações do Conselho Nacional de Educação (CNE) as escolas de todo país começaram a se reorganizar para atender alunos e famílias no decorrer dos desdobramentos da pandemia. Há um entendimento de que se mantenha atividades com os alunos e que essas atividades possam ser computadas como carga horária a fim de minimizar a necessidade de as repor presencialmente. As demais recomendações do órgão se estendem a cada nível de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior respeitando suas particularidades, enquanto que para as crianças as atividades têm por objetivo aproximar a família da escola, objetivando que a criança não precise passar por novo período de adaptação no seu retorno; o ensino superior mantém atividades que podem ser a distância ou mediadas em aula online.

O ensino em casa, realizado pela escola, com crianças e adolescentes enfrenta desafios básicos como: quais as ferramentas devo usar? Como me conectar com os alunos? Como avaliar? Questões como carga horária e hora/aula são levantadas, sem falar da questão trabalhista que envolve os professores. Assim buscam-se novas alternativas e respostas para essas perguntas, o que é um tanto quanto benéfico ao nos obrigar a sair da zona de conforto. A educação como se conhecia foi obrigada a migrar para meios em que os jovens já estavam obrigando alunos, professores e o próprio processo de ensino aprendizagem a se modificar.

Os alunos que muitas vezes se colocavam como meros espectadores de aulas, de função passiva no processo de sua própria aprendizagem, tiveram que perceber rapidamente que devem ser sujeitos de função ativa, pois, apesar de estarem confinados em suas casas se viram com responsabilidades diferentes, tendo que se manter atentos e aprimorar o uso das tecnologias, aplicativos e dispositivos, os quais muitos já conheciam bem, mas utilizavam sem a devida orientação e sem compromisso. Nesse contexto, os pais dessas crianças e adolescentes também notaram desafios e obstáculos cotidianos enfrentados até então somente por professores, mas que, ao nosso ver, reforçam a participação familiar na educação escolar do filho.

Os desafios e limitações que o ensino remoto nos impõe para que possamos nos manter conectados vão além de ser somente questões conceituais do papel de cada agente na educação. As aulas on-line, atividades em tempo real com os alunos com a alta dependência da internet para fornecimento de dados, transmissão de informação, *streamings* e *lives*, nos mostram como é imprescindível uma infraestrutura que seja capaz de atender a todos, o que é muito difícil em um país com condições tão desiguais em sua população. Podemos citar as zonas rurais e periféricas em que não há o acesso à internet, ou mesmo as situações de extrema miséria nas quais os alunos não possuem não somente o acesso como dispositivos e aparelhos eletrônicos para poderem participar das aulas. Uma grande parcela encontra-se sem os requisitos para frequentar as novas salas de aula, o que é muito preocupante, pois aumenta ainda mais o abismo socioeconômico que sempre se evidenciou na educação.

Decorrente desse problema, ainda se apresentam discussões e projeções para testes e avaliações como Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares no geral. A preocupação é grande pois, para aqueles que possuem meios de manter os estudos, esses testes serão marcos sociais, colocando-os muito acima dos que não podem competir. Insere-se aí a discussão da meritocracia, por exemplo, que nesse contexto é impossível de ser concebida, devido o distanciamento dos concorrentes em relação às oportunidades.

O objetivo proposto é demonstrar a realidade de uma instituição privada de ensino frente à nova realidade que nos foi bruscamente apresentada durante a pandemia da COVID-19 (SARS-COV-2), discutir conceitos pertinentes para a educação do país e da nossa região de atuação através das normativas propostas pelos governantes e nossa experiência enquanto educadores da rede privada de ensino. Para isso a discussão será dividida numa primeira parte mais geral, que aborda a educação e o professor. Um segundo momento apresentando as principais dificuldades que se apresentam nesse período, seguido de um tópico que tenta trazer à luz algumas das principais ferramentas e plataformas, bem como serviços que podem facilitar o ensino remoto atual.

2 DISCUSSÃO

Professores sempre foram *home office*: que professor nunca levou pilhas de provas para casa para corrigir no final de semana? Que professor não se percebeu planejando uma aula ao

assistir uma série ou filme no domingo de noite? Que professor nunca respondeu de casa à diversas mensagens de alunos, famílias e da própria escola? Professor sempre trabalhou em casa, sendo muito recente, por exemplo, o reconhecimento do direito à carga horária de planejamento das suas aulas⁵. A grande novidade é a adaptação a um contexto que torna esse trabalho, que antes era considerado “extra”, como o principal. Tudo está sendo feito em casa, em nome do distanciamento social.

Assim se apresentou a todos o ensino remoto emergencial, uma modalidade de ensino totalmente nova aos atuantes na educação e que possui como característica principal o uso de tecnologias para mediação de ensino aprendizagem dos alunos que devem permanecer em seus domicílios. Em um primeiro momento nos pegamos pensando que iríamos simplesmente migrar para a modalidade de Educação à Distância (EAD), mas longe disso. Segundo Alves (2011), a educação a distância possui características próprias que são muito diferentes da nossa realidade atual nas escolas brasileiras. A EAD pressupõe o apoio de tutores de forma atemporal, com carga horária diluída em diferentes recursos midiáticos e atividades síncronas e assíncronas.

Quando se fala em adaptação, é importante considerar que se tratam de dois movimentos diferentes ocorrendo simultaneamente: o primeiro, em relação aos alunos, que se veem isolados e sozinhos, distantes dos seus grupos sociais, tendo que desenvolver habilidades como autonomia de estudo, domínio de tecnologias e autodisciplina. Por outro lado, professores que necessitam reaprender a planejar, dentro de uma nova realidade, já que não se trata apenas de inserir as tecnologias no planejamento, mas reformular completamente as suas práticas e metodologias, considerando a distância, o tempo, os recursos e, inclusive, a carga emocional implicada no contexto. É imperativo que alguns velhos hábitos, ligados às culturas escolares herdadas das gerações passadas, sejam superados. Desaprender e reaprender serão habilidades fundamentais nestes novos tempos que virão, marcados pela constante aceleração das transformações científicas e tecnológicas.

⁵ Direito este que foi questionado pelo Estado de Santa Catarina, que levou a questão ao Supremo Tribunal Federal. Este, por sua vez, julgou, dias atrás, a constitucional a chamada jornada extraclasse, na qual os professores cumprem 1/3 de sua carga horária em atividades fora da sala de aula (planejamento de aulas, estudo, leituras, correção de tarefas, organização de projetos, etc.). Esta decisão do Supremo Tribunal Federal representa uma importante vitória desta categoria profissional que vem sendo duramente reprimida, nos últimos anos, por perseguições de ordem política e ideológico e por tentativas de cerceamento de suas funções

Neste contexto, as chamadas metodologias ativas ganham mais visibilidade, e esse é um ponto positivo da mudança, pois cria a necessidade de uma preparação diferenciada das aulas, voltando-se cada vez mais para as conhecidas metodologias ativas. A cultura escolar (ou os hábitos e costumes herdados das gerações de professores com as quais nos relacionamos ao ingressar na docência) foi profundamente impactada pela necessidade de se considerar fatores como o distanciamento social. Nesse contexto, antigas estratégias como a aula expositiva, o questionário e a repetitividade como preparação para o momento da prova (às quais nos anos 1980 Paulo Freire já chamava de educação ‘bancária’), dão lugar à estratégias diferenciadas como a sala de aula invertida (com foco no aluno, que primeiro internaliza os conceitos antes da aula e depois, no coletivo, discute os conhecimentos adquiridos e tira dúvidas), a gameificação (uso de dinâmicas baseadas em jogos para engajar pessoas e resolver desafios) e a aprendizagem baseada em problemas ou projetos.

É um exercício muito trabalhoso, há que se dizer, pois num primeiro momento ele quebra com a rotina e com os velhos hábitos, nos tira da zona de conforto e demanda a compreensão de novas dinâmicas e a utilização de novas ferramentas. Estas novas ferramentas e técnicas adquiridas, somadas ao conhecimento pedagógico e conceitual que o professor traz de sua formação acadêmica, resultam na criação de um novo tipo de conhecimento: o conhecimento tecnológico pedagógico do conteúdo (ou TPACKs, na sigla em inglês para Technological Pedagogical Content Knowledge), um novo campo de estudos que é fundamental para compreendermos o cenário atual.

No entanto, não devemos considerar que esta reinvenção das práticas pedagógicas seja decorrente apenas da pandemia. Afinal, os professores de todos os níveis já vinham de um longo processo de adaptação às intensas mudanças na ciência e na tecnologia, que refletiam diretamente nas práticas pedagógicas, como o rápido desenvolvimento e popularização dos meios de comunicação digitais. Esta reinvenção pode ter sido acelerada pela pandemia, mas não é graças a ela que ocorreu; já vinha se fazendo desde pelo menos o final da década de 1990, com a chegada dos primeiros computadores às escolas.

O surgimento dessa nova cultura, marcada profundamente pelos dispositivos de comunicação digitais (a cibercultura), é que deve ser pensada como estrutura por trás das mudanças que vêm ocorrendo no cenário da educação.

Assim, acreditamos que essa migração não pode ser considerada massiva, uma vez que há muitas distorções na forma e na qualidade do acesso ao ensino online (nem todo o estudante brasileiro possui acesso físico a aparelhos tecnológicos ou competência técnica para operá-los, o que são grandes problemas a serem equacionados, à exemplo das discussões recentes sobre a data da realização do ENEM e outros vestibulares). Contudo, pensamos que os estudantes com condições de acesso reagiram com naturalidade, uma vez que integram gerações a que chamamos "nativos digitais". Já estão imersos nessa cultura. A questão chave é que, apesar de estar imersos nessa cultura, e esta, por sua vez, ser um eixo da própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda não havia sido colocada efetivamente na base da organização das práticas e currículos escolares. O que é muito problemático pois, uma vez que uma das funções da escola é educar para a vida em sociedade, educar em uma sociedade marcada pela cultura digital precisa se tornar uma prática curricular, não no sentido de se criar novas disciplinas de tecnologias ou de informática, mas de inserir esta discussão transversalmente aos currículos das disciplinas tradicionais. Afinal, a cultura digital está aí, ao nosso redor, e chegou para ficar.

2.1 Impasses

No âmbito de atuação dos autores está o Ensino fundamental - Anos Finais e o Ensino Médio da Educação Básica, níveis em que há uma maior autonomia dos estudantes, mas ainda existe uma grande necessidade de acompanhamento por parte dos pais ou responsáveis para orientar e acompanhar o progresso, horários e as atividades que estão sendo realizadas. Nisso entramos em nosso primeiro impasse, já que entendemos que muitas famílias acreditam que o papel de educar seus filhos venha exclusivamente da escola.

Para discutir essa questão da participação das famílias no contexto educacional faz-se necessária uma abordagem um pouco mais teórica em torno de uma questão que se coloca quase que como intransponível ainda hoje: qual é o lugar da escola na vida dos educandos? No debate educacional essa pergunta continua se mostrando pertinente e recorrente, pois não há um consenso estabelecido sobre qual o papel exato da escola, bem como a função que ela deve desempenhar na vida das novas gerações. Em parte, porque a pergunta deve se manter sempre em aberto para não encerrarmos as novas gerações em ideais e projetos antigos do passado, negando a elas a

capacidade de inovação. Mas por outro lado a pergunta continua como um problema não resolvido pelo fato de existir diversas concepções sobre o que é educação, sem falar dos tipos de educação, como escolar, familiar, pública e etc - o que não vem ao caso discutir nesse momento. O que queremos destacar é que a educação escolar possui sua especificidade.

Na tentativa de tematizar a participação da família na educação dos filhos, buscamos apoio na concepção educacional sobre a escola e família em Hannah Arendt. Para Arendt (2009), a escola deve funcionar como um lugar intermediário entre a família e a sociedade - ou o mundo. A escola é “a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo” (ARENDR, 2009, p. 238). Dessa forma, a escola deve ser um momento de especificidade, no qual o educando terá experiências que não teria em outros âmbitos. “A escola dá às pessoas a chance (temporariamente, por um curto espaço de tempo) de deixar o seu passado e os antecedentes familiares para trás e se tornarem um aluno como qualquer outro” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 16). Essa escola “permite que os jovens entrem em outro mundo no qual podem deixar de ser ‘filho’ ou ‘filha’” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 16).

Fica, portanto, muito claro esse caráter específico da educação escolar. Ela representa um espaço e um momento de suspensão do aluno de todos os outros âmbitos de sua vida privada e social, porém é justamente nesse ponto em que se deve ficar atento, pois historicamente a escola veio a assumir responsabilidades que antes eram da família, o que gerou uma nebulosidade frente a questão da participação da mesma na educação das novas gerações. Por muito tempo a socialização primária da criança era responsabilidade exclusiva da família. Era a família que desenvolvia os aspectos relativos à convivência, aos valores e hábitos necessários para a vida em sociedade, deixando para a escola apenas a função de ensinar, no sentido cognitivo. Ocorre, porém, o chamado eclipse da família, termo usado por Savater (1998) para se referir ao fenômeno de desligamento da família ante a educação e socialização primária da criança. Nesse sentido complicam-se as funções, já que, principalmente na educação pública, a escola assumiu o papel de família no tocante a educação e socialização primária. As crianças acabam por adentrar no ambiente escolar cada vez mais cedo possibilitando essa confusão de papéis, muitas vezes sendo a escola responsabilizada pela educação em todas as perspectivas.

Cabe lembrar, no entanto, que, como quer Arendt, (2009) a educação é um *entreposto* entre o âmbito privado da família e a sociedade. Apesar de parecer que a criança, ao sair do seio da família para ir para a escola, está sendo lançada ao mundo, a escola não é o mundo e nem deve fingir sê-lo, bem como não é a família e não a substitui (ARENDR, 2009). A escola deve buscar se aproximar da família e do mundo, o que não deve se traduzir como sobreposição ou substituição dos mesmos. A família, portanto, possui papel fundamental na educação dos filhos, pois a escola não a substitui. Não pode tratar as novas gerações como filhos, pois tem o compromisso ético de educar em sua especificidade de escola e não de família.

É claro que atualmente no contexto de pandemia todos estão precisando se readaptar em muitos aspectos e a própria vida cotidiana passou a encarar diversas problemáticas, porém isso não valida discursos que colocam em cheque a educação e o trabalho dos professores, pelo fato das famílias estarem sendo, de certa forma, obrigadas a participar e acompanhar a educação escolar dos filhos. No que concerne à educação escolar, esse é o cenário que pode ser tido como normal e esperado: famílias e escola juntos na educação das novas gerações.

Outro impasse que enfrentamos é o acesso à internet, segundo a UNESCO (2019) em pesquisa de abrangência nacional durante os anos de 2018 e 2019, apenas 39% da população brasileira tinha acesso a computador com internet, 3% apenas ao computador, 28% tem acesso à internet através de celulares e 30% não tem acesso algum a internet. Sendo que as classes A e B em média superam os 95% de acesso a esses recursos, enquanto as classes C (76%) e D/E apresentam 40% de acesso. Assim, a realidade da rede privada acaba sendo bem diferente das escolas públicas, enquanto para uns a internet é necessidade para outros é um luxo supérfluo em relação a colocar comida na mesa da sua família.

A grande maioria dos alunos da rede privada já possuíam os materiais que estão sendo utilizados durante os estudos domiciliares, pelo menos no nosso contexto, poucos tiveram que comprar ou adaptar algo para se adequar à nova realidade. Isso não significa que não houveram mudanças bruscas na rotina que necessitam de apropriação e entendimento. Para os professores essa mudança foi muito significativa, mesmo que alguns já utilizassem tecnologias de ensino no seu fazer pedagógico, a migração total para a realidade online exige dedicação, tempo e saúde mental, pois também estamos suscetíveis a pressão que uma pandemia impõe a toda população.

Assim, em relação ao acesso à internet, bem como às ferramentas necessárias ao ensino remoto emergencial, é importante considerar sempre essa lacuna entre a rede privada e a rede pública, bem como os efeitos devastadores que pode ter a curto, médio e longo prazo para uma sociedade que já era desigual antes da pandemia.

2.2 Facilitadores

No entanto, mesmo frente a diversas dificuldades não se deve deixar de buscar ferramentas e meios para que se possa conectar com os educandos e enriquecer o fazer pedagógico e, nesse sentido, para aqueles que possuem um computador ou celular com acesso à internet, existe uma gama de recursos disponíveis para ajudar no processo de aprendizagem. Alguns deles já existiam antes - apesar de não serem utilizados tanto quanto seria interessante -, enquanto outros estão surgindo e se remodelando especialmente para esse período atual.

No que concerne a instituição que está sendo usada de exemplo, da rede privada de ensino, no intuito de facilitar a adaptação aos novos tempos tecnológicos, essa já provia de suporte na área de tecnologia e relação estreita com o mundo universitário já que possui todos os níveis de ensino sob sua tutoria. Já existia uma parceria com a *Google for Education* no período anterior a pandemia, essa plataforma nos auxilia com diversos recursos que contribuem para o desenvolvimento das atividades do ensino remoto. Segundo Sundar Pichai, CEO da Google, “a tecnologia, sozinha, não vai melhorar a educação, mas ela pode ser uma parte importante da solução”. A criação e expansão do uso da ferramenta *Google Meet* está permitindo uma interação em tempo real do professor com todos os alunos da sala, que podem fazer e responder questionamentos, apresentar suas telas ao professor e visualizar os materiais preparados por ele. Porém, o uso massivo de ferramentas da plataforma ao mesmo tempo em que possibilita um avanço rápido na adaptação das novas gerações de professores, também nos deixa susceptíveis a um novo modelo de exploração econômica, marcado pelo domínio e manipulação dos dados dos usuários com uso de inteligência artificial.

Outras plataformas - que não chegaram a necessariamente se readaptar - apresentam possibilidades educacionais como o *Spotify*, que disponibiliza podcasts (conteúdos em áudio de diversos assuntos) de forma totalmente gratuita, ou o *YouTube* que pode ser utilizado para visualizar vídeos, *lives* e *streamings* (transmissões em tempo real). Nesse sentido alguns

professores utilizam esses como recursos para aulas, tanto em tempo real quanto para estudos orientados, no sentido de ouvir um podcast ou assistir a um documentário.

No intuito de criar conteúdo para os nossos alunos, iniciamos na nossa escola um projeto que chamamos de MesaWeb, no qual um ou mais professores da escola ou convidados se dispõem a falar sobre um tema escolhido em uma *live* no Facebook da instituição. Isso tem por objetivo manter o vínculo com os alunos e trazer diferentes temáticas para a discussão e reflexão não só dos nossos alunos, mas de toda a comunidade que compõe a escola, pois o conteúdo está disponível a todos. A primeira delas foi composta pelos mesmos autores deste texto, e teve como temática as Pandemias na História: Impactos e Doenças na Sociedade, unindo conceitos da História e da Biologia para fazer uma linha do tempo das doenças com suas diferentes características e seus impactos na sociedade, no desenvolvimento da Medicina e métodos de prevenção. A interação que existe nesse tipo de plataforma permite que os ouvintes façam perguntas e esclareçam conceitos que possam não ter ficado tão claros.

Durante o tempo do ensino remoto pelo menos uma vez ao mês a escola promove a atividade da MesaWeb trazendo os mais variados temas como: Sarau Literário - Música e poesia em casa; Uso e abuso das redes sociais; O brincar de diversas formas, em diferentes espaços e tempos na Educação Infantil. Nosso objetivo é que mesmo com o retorno das atividades presenciais, a MesaWeb possa ser mantida através de transmissão ao vivo diretamente do auditório da escola para toda a comunidade e seja um espaço de informação de qualidade nesses tempos em que os professores continuamente precisam desconstruir conceitos falsos lançados nas redes sociais por pessoas mal-intencionadas.

Podemos ainda citar outras plataformas existentes que estão atualmente disponíveis, apresentando esforços para servirem à educação nesse período. O programa *Prezi* que, está se readaptando, permitindo um acesso diferenciado à professores e disponibilizando ferramentas como salas de videoconferência para educação. Empresas de jogos como a Ubisoft disponibilizou recentemente de forma totalmente gratuita - por uma semana - os jogos *Assassin's Creed Odyssey (Ancient Greece)* e *Assassin's Creed Origins (Ancient Egypt)*, da já consagrada franquia *Assassin's Creed*, conhecida por reproduzir períodos históricos com muita fidelidade, em uma versão totalmente dedicada à educação em tempos de pandemia. Removeram os elementos do jogo que envolviam luta, realização de missões e conquistas, e criaram o *Discovery Tour*, no qual o jogador

possui uma espécie de guia com áudio e texto - totalmente em português - pelas diversas cidades e regiões existentes no jogo, feitas com os mínimos detalhes por uma equipe multicultural de historiadores e arqueólogos. Também há o site educacional *Mozaik Education* que possibilita a visualização de recursos educacionais em três dimensões (3D) que facilitam a compreensão de conceitos e estruturas que são complexas normalmente, principalmente no ensino de Ciências e Biologia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação como um todo foi bastante impactada no decorrer da pandemia da COVID-19, já são mais de seis meses do fechamento das escolas aqui na região Sul e somente agora se iniciaram discussões de quando e como reabrir. A adaptação dos professores para a modalidade do ensino remoto teve de ocorrer de forma rápida para que não houvesse prejuízos aos alunos. Nossas casas se transformaram em salas de aula improvisadas, nossas metodologias de sala de aula tiveram de ser repensadas e modificadas prontamente para atender ao novo formato e manter o ensino aprendizagem dos alunos. Diante desse novo contexto, muitas vezes os já sobrecarregados professores, com trabalhos e provas para corrigir, montar provas e listas de exercícios, preparar as aulas e a preocupação diária com os alunos, tiveram somadas as angústias de entender as novas ferramentas de ensino para modalidade remota.

No decorrer do texto trouxemos alguns desafios que se impuseram nessa adaptação, como o papel da família na formação acadêmica dos filhos. Se discutia tanto no ano anterior sobre o direito do ensino em casa, mas hoje com o desdobramento da pandemia vemos como a socialização e a presença do professor são importantes no desenvolvimento da criança e adolescente, assim como uma família estruturada que lhe dê suporte e auxílio nos estudos. Além da própria estrutura de equipamentos e rede de internet, que mostram o quanto nosso país é ainda desigual no quesito de educação.

A rede privada apresenta uma condição melhor para a continuidade do ensino remoto do que a escola pública. Grande maioria das famílias já tinha uma internet de qualidade e equipamentos necessários para que as aulas síncronas pudessem acontecer. Diversos facilitadores têm a possibilidade de garantir aos alunos a continuidade de seus estudos. Ferramentas como

Google Meet, Formulários, *Kahoot*, jogos com transmissão ao vivo, momentos de discussão de temas relevantes para sociedade e comunidade escolar fizeram parte da vida escolar durante esse período.

As escolas já estão montando seus protocolos de segurança sanitária na possibilidade de reabertura, sem saber se os alunos realmente virão. O exemplo do que aconteceu no estado do Amazonas trouxe insegurança e medo as famílias e professores, em apenas 15 dias de reabertura mais de 300 profissionais de educação foram infectados pelo vírus. Muitas imagens de desrespeito às normas de segurança, alunos usando máscaras de forma errada, ou até mesmo sem usar, falhas no distanciamento controlado entre as crianças e adolescentes. Outros estados estão seguindo o mesmo caminho, São Paulo está em processo de reabertura parcial, somente 107 municípios dos 645 poderiam voltar as aulas presenciais ou no formato híbrido com rodízio de alunos, com poucos deles em sala e os demais assistindo a transmissão da aula de suas casas.

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul lançou portaria que regulamenta o retorno ao ensino presencial, com as crianças da educação infantil retornando primeiro. Isso mostra a falta de conhecimento de sala de aula dos nossos governantes, só quem tem criança em idade escolar sabe o desafio enorme que é manter crianças afastadas, sem troca de materiais e brinquedos, lavando as mãos constantemente. Se pegarmos o exemplo do *glitter*, se uma criança da sala resolve ir com algo com esse material para escola, pode ter certeza que toda a turma retorna com um pouco dele. Podemos fazer uma analogia disso com o próprio vírus, se uma criança estiver contaminada provavelmente toda a sala estará. Assim podemos levantar os seguintes questionamentos: vamos conseguir manter o vírus sob controle nesse cenário? Os professores não serão sobrecarregados com mais essa atribuição de manter todos em segurança? Qual será a responsabilidade dos governantes perante ao possível aumento no número de casos? Essas são questões que só poderão ser respondidas com os próximos desdobramentos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 10, p. 83-92, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17143/rbaad.v10i0.235>. Acesso em: 15/09/2020.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 6. ed. São Paulo. Perspectiva, 2009.

BRASIL, Conselho Nacional da Educação. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia?Itemid=164>. Acesso em: 15/09/2020.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução de Cristina Antunes. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ONG Todos pela Educação. **Educação na pandemia: ensino a distância dá importante solução emergencial, mas resposta à altura exige plano para volta às aulas**. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/Educacao-na-pandemia-Ensino-a-distancia-da-importante-solucao-emergencial_-mas-resposta-a-altura-exige-plano-para-volta-as-aulas. Acesso em: 15/09/2020.

Organização Mundial da Saúde. **Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public**. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>. Acesso: 15/09/2020.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.